



Público

16-10-2013

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Saúde

Dimensão: 673

Imagem: S/Cor

Página (s): 37

“Sou defensor de que a vacina contra o HPV deve ser dada aos rapazes”

Harald zur Hausen Recebeu o Nobel da Medicina de 2008 pela descoberta de que o vírus do papiloma humano causa cancro do colo do útero. Este vírus também está ligado ao cancro da garganta e ao sexo oral

Entrevista Vera Novais

O alemão Harald zur Hausen, de 77 anos, investigou o cancro do colo do útero na década de 1970, no Instituto de Virologia Clínica de Erlangen-Nuremberga, na Alemanha: descartou a hipótese de ser causado pelo herpes simplex e comprovou a ligação ao vírus do papiloma humano (HPV). Para falar da ligação entre vírus e cancros, deu há dias duas palestras em Portugal, numa conferência organizada pela Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa e na Fundação Champalimaud.

Provou que o HPV causa cancro do colo do útero. Já se pode dizer que as vacinas contra este vírus vão reduzir os casos?

Ainda pouco podemos dizer, porque as vacinas só começaram a ser administradas em 2006, na maioria dos países. Podemos ter de esperar dez a 15 anos para começar a ver os seus efeitos. O que podemos demonstrar hoje é que as lesões precursoras do cancro do colo do útero estão a diminuir depois da vacina, e elas são componentes essenciais para o aparecimento do cancro. Para nós, é evidente que diminuirá a incidência deste cancro, que é o segundo cancro mais frequente nas mulheres, a seguir ao da mama.

Que outros cancros estão já ligados a infecções?

Estimamos que 21% dos cancros a nível mundial estejam relacionados com infecções. Não estamos só a falar do HPV. Temos os vírus da hepatite B e C relacionados com o cancro do fígado; o vírus do herpes humano do tipo 8 relacionado com o sarcoma de Kaposi em doentes imunodeprimidos; ou o vírus linfotrófico humano que causa leucemias. Temos ainda bactérias como a *Helicobacter pylori*, responsável por cerca de 65% dos cancros do estômago, ou parasitas como o *Schistosoma*, que provoca cancro da bexiga, um dos mais frequentes no Egípto. Actualmente, é possível prevenir alguns destes cancros pela vacinação ou tratando as infecções.



Que recomendações faz em relação à vacina contra o HPV?

Que seja dada numa fase precoce, porque esta vacina é, provavelmente, uma das mais seguras para crianças pequenas. Além do ardor normal após a injeção, a ocorrência de efeitos secundários é de um caso em cada cem mil injeções dadas.

Qual é a idade indicada para vacinar as crianças?

A vacina é administrada a raparigas entre os 9 e os 14 anos, dependendo dos hábitos sociais e sexuais da sua população. Nalguns países, pode ser necessário fazê-lo um pouco mais cedo, noutras um pouco mais tarde. No meu ponto de vista, frequentemente ignorado, é importante que a vacina seja dada também a rapazes. Porque os homens, entre os 15 e os 30 anos, têm normalmente mais parceiros sexuais do que as mulheres da mesma idade, e portanto estão a disseminar a infecção.

Cerca de 50% dos cancros do pênis, a grande maioria dos cancros do ânus nos homens (têm mais casos do que as mulheres) e os cancros orofaríngeos (também mais frequentes nos homens) estão relacionados com a infecção pelo HPV. Embora não esteja absolutamente provado, é provável que a vacina também proteja contra estes cancros. Por estas razões, sou um acérrimo defensor de que a vacina contra o HPV deve ser dada também aos rapazes. **E as pessoas já infectadas com o HPV devem vacinar-se?**

Infelizmente, [nessa situação] a vacina não tem grande efeito [porque a resposta imunitária que desencadeia já não encontra o vírus, que está escondido dentro das células].

Neste momento, não há terapias ou soluções para prevenir [após a infecção] o desenvolvimento do cancro do colo do útero, excepto a detecção precoce das lesões causadas pela infecção ou a intervenção cirúrgica. Se o diagnóstico for bem feito, pode reduzir-se o risco de cancro em 70% a 80% dos casos. Mesmo assim, cerca 20% das lesões permanecem por detectar e originam cancro.

É possível provar a relação

entre uma infecção e um cancro que surja 20 anos depois?

Essa pergunta é pertinente, porque esse foi um dos maiores obstáculos que enfrentámos para explicar o papel das infecções nos cancros. Podemos fazê-lo de três formas. Por exemplo, no cancro do colo do útero demonstrámos que ao bloquear os genes E6 e E7, expressos [ativos] em praticamente todas as células cancerosas do colo do útero, elas deixavam de ser malignas. Nestas condições, prova-se que genes são necessários para a indução do cancro. Mas para isto acontecer, é necessário haver mutações nos genes da célula hospedeira.

Uma segunda forma é demonstrá-lo com estudos epidemiológicos, usando grupos específicos de doentes de risco oncológico. A terceira forma é por vacinação. O vírus da hepatite B é um bom exemplo disso, porque já há resultados comprovados em Taiwan, onde 20% da população apresenta infecções persistentes. Pode ser transmitido pelas mães aos recém-nascidos, portanto a vacinação logo após o nascimento diminui drasticamente a taxa de infecção. Ao fim de 20 anos de administração desta vacina, nota-se a diminuição da incidência do cancro do fígado nesta população.

Quando estudou o HPV, usou células HeLa, de Henrietta Lacks [morreu em 1951 e as células do seu cancro do colo do útero foram cultivadas sem autorização]. O que acha do acordo recente entre os Institutos Nacionais de Saúde dos EUA e a família da Henrietta, que vai ter uma palavra a dizer no acesso aos dados genéticos das HeLa?

Este acordo é justo. Nos anos 1970, não pensávamos nisso, porque as células estavam espalhadas por laboratórios de todo o mundo. Nem sequer conhecia a história da linhagem das células HeLa, apenas sabia que eram de cancro do colo do útero e o importante é que estavam contaminadas com o HPV. Isto também é verdade para outras linhagens de células cancerosas que usámos. Só recentemente surgiu um livro sobre a vida de Henrietta Lacks.